



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

IVEN MACLAUD CORDEIRO DE SOUSA

**SER LIBERAL NA PARAÍBA OITOCENTISTA: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS
DO JORNAL O LIBERAL PARAHYBANO (1879)**

**CAMPINA GRANDE
2021**

IVEN MACLAUD CORDEIRO DE SOUSA

**SER LIBERAL NA PARAÍBA OITOCENTISTA: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS
DO JORNAL O LIBERAL PARAHYBANO (1879)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Área de concentração: História Política

Orientador: Prof. Dra. Luíra Freire Monteiro

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725s Sousa, Iven Maclaud Cordeiro de.
Ser liberal na Paraíba oitocentista [manuscrito] : uma análise das matérias do Jornal O Liberal Parahybano (1879) / Iven Maclaud Cordeiro de Sousa. - 2021.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro , Departamento de História - CEDUC."

1. Política. 2. Paraíba. 3. Império. 4. Periódico. I. Título

21. ed. CDD 981.33

IVEN MACLAUD CORDEIRO DE SOUSA

SER LIBERAL NA PARAÍBA OITOCENTISTA: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO
JORNAL “O LIBERAL PARAHYBANO” (1879-1889)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em
História.

Área de concentração: História Política

Aprovada em: 28 / 05 / 2021.

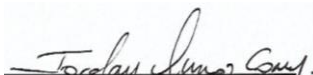
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Flávio Carreiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| 1 | RESUMO..... | 04 |
| 2 | INTRODUÇÃO | 05 |
| 3 | LIBERALISMO NO BRASIL OITOCENTISTA | 06 |
| 4 | A PARAHYBA DE 1870: AS FORTES RAÍZES QUE TE PRENDEM NO CHÃO | 08 |
| 5 | A PARAHYBA TEM MAIS UMA VOZ LIBERAL: O LIBERAL PARAHYBANO (1879) | 10 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 17 |

SER LIBERAL NA PARAÍBA OITOCENTISTA: UMA ANÁLISE DAS MATÉRIAS DO JORNAL O LIBERAL PARAHYBANO (1879)

Iven Maclaud Cordeiro de Sousa

RESUMO

A pesquisa parte da tese defendida por Ângela Alonso (2002) de que na década de 1870, no Império do Brasil, havia um florescimento político com o surgimento de uma nova geração de liberais mais radicais. Nossa pesquisa busca testar esta tese no âmbito da província da Parahyba, a partir da análise dos artigos publicados nos periódicos liberais aqui publicados, especialmente o de maior destaque, seja, "O Liberal Parahybano, objetivando identificar a "exaltação" dos ideais liberais entre os paraibanos que ali publicavam suas proposições políticas. O corte temporal da pesquisa limita-se ao interstício de 1879 a 1889, tempo de circulação desses jornais. A partir da leitura analítica dos tais, tomando por escopo os estudos de CARVALHO (2008), MATTOS (1987) E SILVEIRA (1999), concluímos que a tese de Alonso não encontra guarida na realidade paraibana, uma vez que o pensamento liberal aqui chegou apenas sob determinados aspectos, distanciando-se quando da instalação do regime republicano e com a ascensão das oligarquias.

Palavras-chave: Política. Paraíba. Império. Periódico.

ABSTRACT

The research is based on the thesis defended by Ângela Alonso (2002) that in the 1870s, in the Empire of Brazil, there was a political flourishing with the emergence of a new generation of more radical liberals. Our research seeks to test this thesis within the province of Parahyba, from the analysis of articles published in liberal journals published here, especially the most prominent, namely, "O Liberal Parahybano, aiming to identify an" exaltation "of liberal ideals among paraibanos who published their political propositions there. The time cut of the research is limited to the period between 1879 and 1889, the period of circulation of newspapers. From the analytical reading of such, taking as scope the studies of CARVALHO (2008), MATTOS (1987) AND SILVEIRA (1999), we conclude that Alonso's thesis has no place in the reality of Paraíba, since liberal thought arrived here only under aspects aspects, distancing themselves when the installation of the republican regime and with the rise of the oligarchies.

Keywords: Politics. Paraíba. Empire. Journal.

Introdução

A pesquisa parte da tese defendida por Ângela Alonso de que na década de 1870. No Império do Brasil, havia um florescimento político com o surgimento de uma nova geração de liberais, mais radicais. Assim o artigo parte dessa hipótese para analisar se esse discurso a nível imperial estava sendo discutido entre a população parahybana da época. Utilizando para confirmar a hipótese o jornal O Liberal Parahybano em seu primeiro ano de vida (1879)

A importância dessa nova geração para o Brasil é ímpar, já que advindo dela temos personalidades como Joaquim Nabuco, Quintino Bocaiúva, Sílvio Romero, Rui Barbosa, Alberto Sales, Campos Sales, Assis Brasil e Silva Jardim. E ela surge na crise que estava se estabelecendo no final do império, fazendo com que uma elite política e intelectual ainda com “raízes na colônia” perdesse parte do seu poder, dando espaço a novos pensadores que emergiam de classes inferiores.

Esses novos grupos que ascenderam a elite política – essa ascensão só foi possível graças a crise, já que a estrutura imperial é estamental, tornando muito difícil a ascensão de novos grupos – precisavam reafirmar para justificarem sua permanência na elite. Então eles buscam na filosofia europeia a base para sua afirmação como sujeitos políticos. Importante ressaltar que eles não eram só formados de pessoas das camadas mais baixas, mas personalidades já estabelecidas na elite como Joaquim Nabuco, se converteram as novas ideias, até como uma forma de adaptação aos novos tempos.

Na discussão de MATTOS¹ (1999) em seu livro “Tempo saquarema”, pode-se perceber que ela defende que as elites cafeicultoras do Rio de Janeiro, chamados de saquaremas, controlavam o Império por meio de alianças com a Coroa e com elites locais. É justamente para fazer frente a esse controle saquarema que explode em todo o império as ideias liberais.

O mais interessante é que os intelectuais brasileiros não trazem esses pensamentos europeus em sua essência para a nova filosofia brasileira. Temos adaptação desses pensamentos para o próprio contexto cultural do Brasil, facilitando a compreensão e a assimilação dessas novas ideias na mentalidade dos brasileiros. E logicamente essas teorias atendiam aos interesses de uma classe, que a adaptava para justificar sua dominação. Como por exemplo o liberalismo brasileiro, que não criticava a escravidão, já que a elite liberal era em sua maioria escravocrata.

Ainda precisamos ter em mente que esses novos pensamentos eram um projeto das classes políticas. Por causa disso ele é heterogêneo, com o surgimento de inúmeras correntes diferentes uma da outra; como cita Alonso, essa distinção é muito influenciada também pela geografia.

A justaposição entre os estudos aponta uma diversidade até mesmo geográfica (...) “positivismo ortodoxo” na Corte, “spencerianismo paulista”, positivismo “modernizador e de bem-estar” no Rio Grande do Sul e “novo liberalismo” no Nordeste (ALONSO, 2002, p. 28).

Essa relação entre o campo intelectual e campo político quase não tinham uma divisão, como afirma a autora “Dada a inexistência de um campo autônomo no século XIX brasileiro, toda manifestação intelectual era imediatamente um evento político” (ALONSO, 2002, p. 38). Assim esse movimento de novas ideias não é um

¹ MATTOS, Ilmar R. de. (1999). O Tempo Saquarema. 4ª edição. Rio Janeiro: Access.

movimento composto de intelectuais “puros”, mas de políticos intelectuais. Essa leitura faz termos a noção de que a eleição de determinada teoria está vinculada com as ações políticas que o sujeito planejava efetuar.

Devemos ter em mente que esse movimento de 1870 foi feito pelos grupos marginalizados pela elite Saquarema² que dominava os postos mais importantes do império. Esses grupos eram marginalizados entre a elite imperial, mas no contexto geral ainda faziam parte da elite, principalmente pelo quesito monetário, já que a própria Alonso afirma “Um movimento intelectual é, por definição, um movimento de elite” (ALONSO, 2002, p. 101). Sendo necessário até uma boa quantidade de dinheiro para financiar jornais, publicações e eventos que divulguem as suas causas.

Para lutar contra esse domínio Saquarema foi criado em 1840 o Partido Liberal, que era formado em sua maioria por pequenos proprietários de terra, que não conseguiam adentrar na política dominada pelos Saquaremas, mas ainda estavam vinculadas as estruturas imperiais, o que os impossibilitavam de romper com a estrutura atual.

Já em 1860, principalmente no Rio de Janeiro tínhamos o crescimento de trabalhadores liberais, que cresceram a margem da burocracia do império e não tinham o “pedigree” necessário para entrar nela. Então eles reformulam o Partido Liberal, sendo criado em 1870 no Manifesto Republicano o Partido Liberal Republicano. Esse novo Partido defendia a federalização do Brasil e a perpetuação da escravidão, muito inspirados no modelo Republicano Federativo americano.

Ainda tínhamos outra dissidência da ala liberal. Esses são os “Novos Liberais” que surgem no fim dos anos de 1860. Eram compostos em sua maioria pelos filhos dos liberais das províncias do Norte. Suas maiores queixas era que mesmo fazendo parte de famílias tradicionais não conseguiam empregos públicos depois de formados. Eles tinham uma postura conservadora e conciliadora, defendendo a monarquia. O que eles acreditavam ser o maior problema do Brasil era a escravidão, que o distanciava das nações de primeiro mundo. Sua maior arma para implantar seu projeto foi pela propaganda, não só focando a atenção em convencer a elite política, como os Liberais Republicanos; eles investiam bastante em jornais e na criação de sociedades para convencer a população.

Liberalismo no Brasil oitocentista

No artigo “liberalismo” de PORFÍRIO³ temos a explicação sobre o surgimento do libertarismo, na Europa do século XVII, num conjunto de teorias políticas, que lutavam contra o regime monárquico, que dominava a Europa. Já na economia o liberalismo serviu para acompanhar as mudanças econômicas da Europa e principalmente dar apoio a industrialização e modernização da economia do velho continente.

Temos como principais teóricos do liberalismo clássico Adam Smith, Alexis de Tocqueville e Benjamin Constant. Mas as primeiras ideias ditas liberais, vinham no século XVII pelos filósofos ingleses, como John Locke e também dos iluministas

² Os saquaremas eram a elite conservadora, dona dos grandes latifúndios de café.

³ PORFÍRIO, Francisco. “Liberalismo”; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/liberalismo.htm>. Acesso em 18 de junho de 2021.

franceses, como Montesquieu e Voltaire. Esses primeiros pensamentos tinham como missão derrubar a monarquia absolutista de suas nações.

Para John Locke o ser humano possui direitos naturais, sendo eles o direito a vida, a liberdade e a propriedade privada. Entretanto, para a propriedade privada ser legitimada como um direito, ela precisa ter alguma função que colabore com a sociedade.

O ideário de liberdade sempre foi muito importante para os liberais que consideravam a monarquia absolutista uma afronta a essa liberdade, já que nesse sistema o monarca poderia tirar sua liberdade a qualquer momento e existia uma casta de nobres que impossibilitava uma ascensão social. Por isso existia tanta repulsa dos liberais pela pobreza.

Quem uniu o liberalismo com a economia foi Adam Smith, criando o liberalismo econômico. Smith defendia que o estado deveria ser o mínimo possível, principalmente na participação econômica, já que a economia sem participação do governo iria se regular por ela mesmo. Ele acreditava que existia uma “mão invisível” no mercado que regularia todos os processos econômicos, assim se o estado intervisse só iria atrapalhar e causar injustiças.

As teorias liberais foram aplicadas nos Estados Unidos e Europa, que eram territórios altamente industrializados, permitindo assim a manutenção do sistema capitalista. Como nesse sistema não temos a participação governo no mercado, as regras trabalhistas são decididas pelas instituições privadas, o que gera muitos elogios por uma parte que prega a liberdade das empresas, mas também é muito criticado, já que permite abusos contra os empregados.

Também faz parte dessa doutrina a quase inexistência de tributação para empresas, com os impostos recaindo sobre o cidadão. Essa é uma das essências do liberalismo, deixando as empresas livres de leis de controle e impostos, para assim crescerem de forma livre, sendo a tributação de impostos feita baseada na renda de cada cidadão, onde os mais ricos pagam mais do que os pobres.

No artigo de MARTINS e SALOMÃO “De ideias e lugares: uma história do liberalismo econômico do Brasil oitocentista”⁴ temos um grande problema, já que o liberalismo surgiu na Europa num cenário completamente diferente do que se encontrava no Brasil oitocentista, pois no Brasil os liberais, em sua maioria, tinham seus ganhos econômicos dependentes da mão de obra escrava, então sempre iam contra as demandas de libertação dos escravos.

Essa discussão também é encontrada no livro “Da monarquia a república” de COSTA⁵, que aborda a hipocrisia dos liberais brasileiros que defendiam o fim da monarquia mas protestavam contra o fim da escravidão, inclusive sendo um dos motivos do golpe contra a monarquia, que tem como um dos seus motivos a insatisfação causada pelo fim da escravidão.

⁴ Martins, R. C., & Salomão, I. C. (2018). DE IDEIAS E LUGARES: UMA HISTÓRIA DO LIBERALISMO ECONÔMICO NO BRASIL OITOCENTISTA. *Revista De Estudos Sociais*, 20(40), 60-77. <https://doi.org/10.19093/res6282>

⁵ COSTA, Emília Viotti da. (1998). *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 7ª edição. São Paulo:Ed. da UNESP

Temos ainda Carvalho⁶ (2008), na “Construção da ordem” e “Teatro das Sombras”, a qual o autor mostra claramente como a política era constantemente utilizada pela elite para conseguir perpetuar seu poder e assegurar que esse poder continuasse a ser controlado pela sua família e perpetuado pelas gerações familiares e paternalistas.

Podemos enriquecer essa discussão de Carvalho com os impressos, em específico, o Liberal Parahybano, já que veremos mais a frente que ele foi um jornal utilizado pelo partido para alto promoção, e em suas matérias temos ataques a opositores e a criação de um discurso que favorecia os detentores de poder político. Então é preciso sempre ficarmos atentos as manipulação e teatros que as instituições podem criar em nome de um bem comum.

A Parahyba de 1870: as fortes raízes que te prendem no chão

Em 1860 a população da Parahyba chegava à marca de 300.000 habitantes, com 50% dessa população de indivíduos livres, o que era um contraste com a região sudeste que tinha uma grande população escrava. Essa população só não era maior devido aos surtos de epidemias que aconteciam, matando 30.000 pessoas, causando um sério problema demográfico⁷ (GURJÃO, 1999, p. 49).

Ela ainda estava bastante empobrecida, já que sua economia vinha principalmente da agro exportação açucareira que estava em crise a longa data, por causa da expulsão dos holandeses e a competição com a açúcar das Antilhas. Além disso tínhamos no interior a agro exportação do algodão, que também sofria com o baixo preço internacional do produto. E para piorar tínhamos o problema das secas que agravava muita essa situação de pobreza.

Ao mesmo tempo tínhamos um Sul do país com uma economia na agro exportação do café, que crescia e gerava altos lucros, tornando-se a maior economia do império. Essa elite cafeicultora, chamada de saquaremas, acabou dominando a política imperial, conseguindo os melhores postos na burocracia do império⁸ (MATTOS, 1987). Isso justifica toda a tradição liberal do Norte, que desejava a descentralização das benesses do império que era em sua maioria destinada ao sudeste, com o surgimento nessa época dos “Novos Liberais” que defendiam essa bandeira de descentralização (ALONSO, 2002, p. 112).

Esse liberalismo abolicionismo que surgiu na Parahyba com a geração de 1870 era bastante cômodo para os grandes proprietários de terra, já que com o bloqueio transatlântico de escravos pela Inglaterra; a demanda por essa força de trabalho era muito grande no Brasil, com um polo cafeeiro em expansão; assim os produtores de açúcar no Norte que estavam endividados, venderam seus escravos para o Sul. Isso é corroborado com o dado de Gurjão de que em 1860, 50% da população da Paraíba era de indivíduos livres.

A paraíba já tinha feito boa parte da desagregação do trabalho escravo, sendo a maioria do trabalho realizado nas lavouras por homens livres e muitas vezes miseráveis. Isso deixaria cômodo para a elite liberal paraibana defender a

⁶ CARVALHO, José Murilo de, 1939. A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial/ José Murilo de Carvalho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁷ SILVEIRA, Rosa Maria Godoy, et al. Estrutura de poder na Paraíba. João Pessoa: ed. Universitária UFPB, 1999.

⁸ MATTOS, Ilmar Rohloff de. O tempo Saquarema. São Paulo: HUCITEC, 1987.

abolição, que atingia em cheio seus inimigos políticos, que eram os grandes produtores de café do Sul, que tinham uma produção completamente dependentes do trabalho escravo.

Essa Parahyba nos anos de 1870 ainda era bastante rural. Pela dificuldade dos meios de transporte para ligar o litoral e o sertão, além das péssimas estradas, acabando gerando o isolacionismo das comunidades, favorecendo o domínio de poderosos grupos familiares na região. Esses grupos familiares tinham controle absoluto nas suas respectivas regiões:

Carneiro da Cunha no Vale do Paraíba, Freire e Toscano de Brito em Mamanguape, Leite na Ribeira do Piancó, Ferreira de Maia em Catolé do Rocha, Costa Machado em Areia, Marinho Falcão no Pilar, Gomes de Sá em Sousa, Correia de Góes em Teixeira, Trindade Meira em Campina Grande, Costa Ramos no Cariri (MELLO, 2014, p. 125)⁹.

Apesar dessas famílias já terem suas regiões de domínio estabelecidas o desejo de aumentar os seus domínios era enorme. Para que isso acontecesse tinha-se dois meios mais comuns: o primeiro era recorrendo a violência, com emboscadas, que eram bem comuns na época; a outra forma era na política, com o intuito de ter mais familiares nos cargos de poder provincial ou na corte. Mas a violência da época conseguia alcançava a política, tendo eleições resolvidas “na bala”.

A Paraíba dispunha, desde 1835, de Assembléia Provincial, equivalente à atual Assembléia Legislativa, com vinte e oito deputados, posteriormente elevados a trinta e de representação de cinco deputados à Assembléia Geral da Corte, semelhante aos atuais deputados federais. O número de senadores, vitalícios e escolhidos pelo Imperador, mediante lista tríplice dos mais votados, era de dois. (MELLO, 2014, p. 125).

Além disso, os votos eram realizados nas paróquias, com os integrantes da mesa eleitoral na maioria das vezes sendo subordinados da família dominante da região, assim fraudavam e alteravam os votos. Isso dificultava bastante a renovação política, pois quem estava no poder era justamente o organizador dessas eleições. O número de votante ainda era muito pequeno, “com 14.718 em 1857 para 27.274 em 1860” (MELLO, 2014, p. 125).

Mesmo com todo esse sistema eleitoral sendo organizado para não haver renovação, conseguimos notar no período representantes liberais que conseguiam a duras penas quebrar com a hegemonia conservadora da política parahybana. O mais famoso liberal dessa época foi Felizardo Toscano e Brito, natural de Mamanguape, liderando o partido liberal da Parahybano de 1844 até seu falecimento em 1876. Além de ter virado conselheiro municipal, deputado da província e geral, sendo eleito como presidente da província. Sendo ele o coordenado da Liga Progressista que era formada por liberais moderados e conservadores esclarecidos (MELLO, 2014).

Já o partido conservador estava sendo liderado por Silvino Carneiro da Cunha, o Barão de Abiaí, que ficou na liderança do partido de 1870 a 1889. Ele governou como presidente da província por quatro vezes, nesse período. Essa rotatividade era bem comum, e mostrava a grande interferência do imperador na província, como afirma Mello: “De 1824 a 1889 a Paraíba teve cento e quinze

⁹ MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba. 13. ed. João Pessoa: A União, 2014

presidentes e juntas governativas, o que significa pouco mais de seis meses para cada um” (MELLO, 2014, p. 127).

A Parahyba tem mais uma voz liberal: O Liberal Parahybano (1879)

Com as crises institucionais e as vitórias dos liberais no Rio de Janeiro fizeram esse tema ser discutido em todo o Império. E mesmo a Paraíba sendo ainda muito conservadora, devido a sua estrutura oligárquica, essa discussão chegou com certa força na Província; talvez por causa da influência do nosso vizinho Pernambuco que sempre teve um liberalismo muito arraigado em sua política.

Sendo possível afirmar que teve essa discussão na Parahyba, já que nessa década tivemos três jornais liberais em circulação; sendo eles O Tempo, Bossuet da Jacoca e O Liberal Parahybano¹⁰. Sendo o foco desse artigo o jornal O Liberal Parahybano em seu primeiro ano de vida (1879). Eu considero esse jornal o mais importante a ser trabalhado, já que ele era organizado pelo próprio Partido Liberal Paraibano, refletindo o pensamento que a elite liberal paraibana tinha na época. Os seus redatores eram José Peregrino d’Araujo, José Ferreira de Novaes, Antonio Alfredo da G. e Mello e Francisco José Rabello.

Nesse jornal, pelo menos nessa época estudada, não vemos um ataque dele a presidência da província, já que a Parahyba estava muito sendo governada por presidentes liberais nesse período. Em 1878 o presidente da província era o liberal Ulysses Machado Pereira Viana, que posteriormente ganharia o título de Conde, pelo Papa Pio X. Mas em fevereiro de 1879 Ulysses precisou renunciar à presidência por motivos de doença, indo fazer o seu tratamento em Pernambuco. O 1º Vice que iria substituí-lo já tinha morrido, assim o 2º Vice padre Filipe Benício da Fonseca Galvão, que também era do partido liberal assumiu o posto em 20 de fevereiro de 1879¹¹.

O jornal em si era bem completo, saindo três vezes por semana, e com um número de quatro páginas. Ele trazia além de propaganda da ideologia liberal, artigos que falavam do contexto imperial do Partido Liberal, elogiando as suas vitórias e atacando os conservadores pelas suas derrotas na câmara do Rio de Janeiro¹². E como estávamos com sob o domínio de um presidente liberal, o jornal era muito utilizado para transmitir comunicados, desde projetos até nomeações; sempre com acalorados elogios a gestão do vice padre Filipe Benício¹³.

Na edição de 15 de maio de 1879¹⁴ a principal discussão é sobre a seca que estava assolando a Parahyba. Ele traz um extenso Boletim Oficial do governo falando de todas as medidas tomadas pelo próprio para mitigar os danos da seca

¹⁰ O Liberal Parahybano. 1879. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=704989&PagFis=0>. Acesso em: 14/06/2019.

¹¹ GALVÃO, Felipe Benicio da Fonseca. Relatório com que com que O EXM. 2º Vice-presidente Padre Felipe Benicio da Fonseca Galvão passou a administração d’esta província AO EXM. SR. DOUTOR José Rodrigues Pereira Junior em 12 de junho de 1879. 1879. Disponível em: < encurtador.com.br/svCFU . Acesso em: 14/06/2019.

¹² O Rio de Janeiro era a capital do império, sendo instalada na cidade a corte do império e principalmente a câmara de deputados e senadores gerais da corte; muito semelhante aos deputados e senadores federais que temos atualmente. Por causa disso, o Rio de Janeiro era o foco da discussão política no Império, com os jornais sempre dando muita atenção ao que acontecia no Rio, já que as decisões efetuadas na Câmara Geral da Corte afetavam o império como um todo.

¹³ É no mínimo irônico em pleno império um jornal liberal ter se tornado porta-voz do governo.

que já durava três anos, sendo em sua maioria a compra de suprimentos para a alimentação da população. O mais interessante é o envio de feijão, arroz e milho para o plantio. Inclusive o jornal traz a notícia de uma comissão liderada pelo padre Filipe Benício que defendia a criação de núcleos coloniais no sertão.

Figura 1 – Boletim oficial do governo apresentando as medidas para mitigar os danos da seca

| | |
|--|--|
| <p>mãos & Comp^a. em Pernambuco, com destino as victimas da secca.</p> <p>— Determinou-se á mesma repartição que fizesse enviar para as povoações da Cruz do Espirito Santo e Canafistula ás respectivas commissões os seguintes generos a saber: para a primeira d'essas localidades 30 saccas com milho, 20 com feijão, e para a segunda 10 saccas com milho, 10 com feijão, 10 com arroz de cascas, 4 amarrados de xarque e 4 barricas com bacalhão, sendo o milho, feijão e arroz para semente nas plantações, que alli se tem de fazer, e os de mais destinados a alimentação das victimas da secca.</p> <p>— Expédiu-se ordem a mesma repartição para fazer entregar ao major Braz da Rocha e Mello, mordomo do hospital da S. Casa de Misericórdia desta capital, 20 saccas com fa-</p> | <p>Rita, padre Manoel Gervasio Ferreira da Silva, 20 saccas com farinha, 3 com arroz pilado, 3 amarrados de xarque, 3 arrobas de bolaxas, 2 ditas de assucar branco refinado, 1 libra de cha preto, 2 ditas de vellas stearinas e 1 lata de kerosene, precisos para o custeio da enfermaria de variolosos ali existentes.</p> <p>— Concedeu-se ao tenente coronel João Baptista de Carvalho, administrador do hospital de S. Pedro, estabelecido na cidade de Mamanguape, a exoneração que solicitou do mesmo cargo.</p> <p>— Nomeou-se para servir o mencionado cargo de administrador do hospital de S. Pedro em Mamanguape, o cidadão João Baptista de Aguiar, mediante a gratificação mensal de 180\$000 rs.</p> |
|--|--|

Fonte: O Liberal Parahybano, 15 de maio 1879, p. 2

O governo mandando grãos para o plantio a essas colônias agrícolas e fazendeiros do sertão, já que os meses de janeiro e fevereiro tinha tido grandes chuvas, levando ao parahybano a acreditar que a seca tinha enfim acabado, mas as chuvas foram suspensas e todos perderam o que tinham plantado. Ademais, em seu relatório para a câmara provincial o padre Filipe Benício entra em outro problema agravado pela seca, que era o aumento no surto de doenças; com a realização de inúmeras comissões de socorros públicos para salvar essa população que estava morrendo (GALVÃO, 1879).

Na edição de 20 de maio de 1879 o Liberal Parahybano traz consigo a discussão federal sobre a aprovação do orçamento que já estava em déficit, com a bancada conservadora querendo a provação para realizar ainda mais empréstimos, sob a alegação de que esses empréstimos eram investimentos no próprio império, e que futuramente haveria um lucro muito superior aos empréstimos recebidos.

A própria redação do Jornal liberal Parahybano procura desmentir um artigo lançado no dia 17 de maio no *Jornal* (Eles não especificam o jornal que lançou esse artigo). Nesse artigo, o *jornal* defende que a dívida pública do império é só de 17 mil contos, o que justificaria a efetuação de novos empréstimos. Mas a redação do Liberal Parahybano faz uma pesquisa e prova que essa dívida é na verdade de 60 mil contos de reis.

Eles ainda trazem um discurso do relator da comissão, o Sr. Buarque de Macedo, que respondia um deputado de S. Paulo em 3 de abril. Nesse discurso Buarque de Macedo, que era liberal, prega austeridade do império e principalmente criticando o orçamento público que era gasto com luxos de filantropia.

Figura 2 – Artigo de Buarque de Macedo sobre os gastos públicos

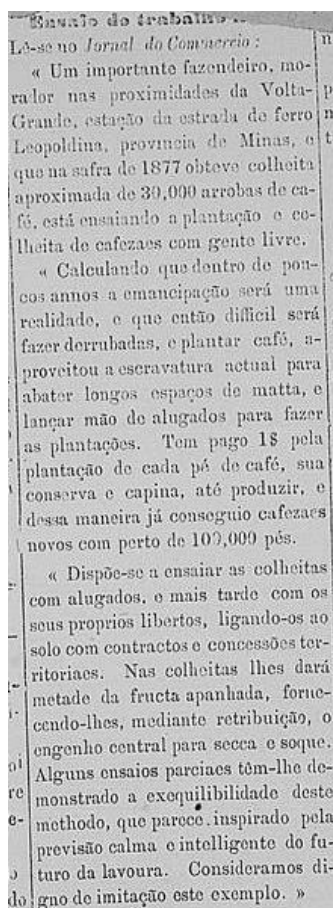
| | |
|---|--|
| <p>Em seu edictorial do 17 do corrente o <i>Jornal</i> não conseguiu o que inculca nos arroubos de sua replica <i>supposta</i> victoriosa.</p> | <p>prehender no seguinte periodo a demonstração contraria de ser o <i>deficit</i> realmente de 17, e não de 60 mil contos.</p> |
| <p>Respeitou em grande parte os argumentos da defesa, para os quaes não tem uma palavra de contradita: entrincheirou-se no campo lato de reconvenções sedições e retalições communs para insistir entusiasticamente pela realisação proxima de seus infalliveis vacticinios—a revolução imminente, e a queda do partido que no Brasil se ufana em ser liberal, apezar do <i>grifho</i> invariavel e tanto do gosto do <i>Jornal</i>, com que sua redacção não prescinde uma só vez de distinguir-nos.</p> | <p>Admiramos esta dualidade da verdade, duplo simul esse et non esse feliz parto de nuna <i>generosidade sans peur, et sans reproche</i>.</p> |
| <p>O resto do artigo, que é o principio e o principal d'elle, a illustrada redacção consagra-o a sustentação do acerto de seu primeiro artigo, isto é, que o <i>deficit</i> do corrente exercicio é de 17 mil contos.</p> | <p>Como o <i>Jornal</i>, porem, passou o traço em sua primeira verdade, de bom grado seguimos seo exemplo, limitando-nos á segunda, <i>unica e verdadeira (?)</i></p> |
| <p>Iremos timidamente ensaiar algumas palavras em resposta, com licença da provocta e profissional redacção do <i>Jornal</i>, que concedemos seja a primeira especialidade na materia.</p> | <p>A digna redacção, depois de sua classificação e deducção analyticas, firma esta conclusão magna: « o deficit do exercicio é realmente o confessado pela commissão, a saber 44 mil contos.</p> |
| <p>Antes do tudo cumpro-nos agr...</p> | <p>E accrescenta—« o serem pagos ou suppridos os 23.882:000\$ de despesas extraordinarias com creditos especiaes, ou operações de credito, que são verdadeiros onus ao cofre nacional é mais uma <i>divida accrescida á proveniente do deficit do orçamento ordinario</i>.</p> |
| | <p>Deduzam-se os novos impostos em <i>somma</i> de 15 mil contos, e as <i>prediculas economias</i> dos differentes ministerios inclusive as da <i>inconvenientissima</i> reducção do exercito, e teremos...</p> |

Fonte: O liberal Parahybano, 20 de maio de 1879, p. 2

Isso só prova a tese de Alonso de que havia na década de 70 no império um embate entre os conservadores e liberais (ALONSO, 2002), e principalmente prova a minha tese de que esse discurso a nível imperial estava sendo discutido entre a população paraibana da época. Também que o liberalismo era uma doutrina já enraizada em 1879, com Ulysses Viana ganhando a eleição para presidente da província em 1878.

Como defende Alonso o liberalismo das províncias do Norte, o que inclui a paraíba, era abolicionista. Um exemplo disso é uma notícia trazida nessa edição do Liberal Parahybano copiada no Jornal do Commercio. A notícia traz o exemplo de um importante fazendeiro da província de Minas que estava ensaiando a utilização de gente livre na colheita de cafezais. Ele pagava 1\$ pela plantação do pé de café, sua conserva e capina, até que começasse a produzir. Cada trabalhador era responsável por um pedaço de terra e metade da produção teria de ser entregue ao dono da terra, como pagamento. O jornal traz esse ensaio como o futuro das lavouras de café, já trazendo a ideia que em poucos anos a emancipação seria uma realidade.

Figura 3 – Sobre o futuro das fazendas de café



Fonte: O liberal Parahybano, 20 de maio de 1879, P. 3

Na edição de 24 de maio de 1879 vemos na primeira página novamente ataque aos conservadores, o que acaba sendo o caráter da revista. Mas o interessante desse texto é o fato de os liberais estarem controlando o poder do império em 1879, tornando os conservadores a oposição.

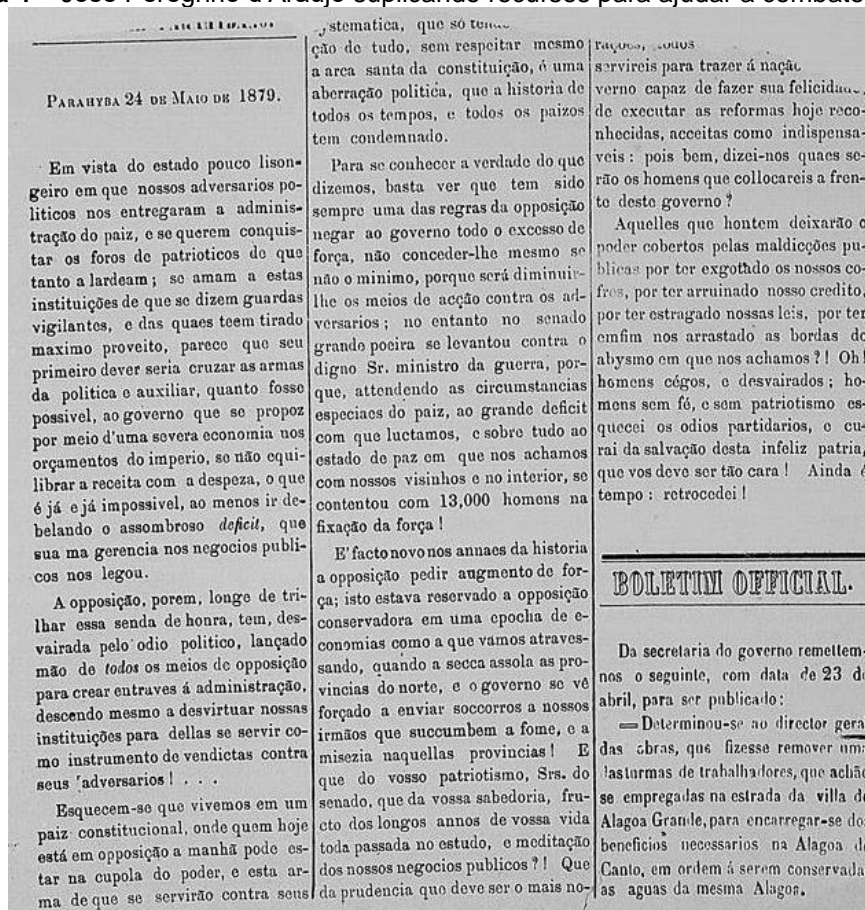
Nas palavras do editorial do jornal (José Peregrino d'Araujo, José Ferreira de Novaes, Antônio Alfredo da G. e Mello e Francisco José Rabello), a oposição conservadora é extremamente tóxica para o império, já que eles deixam de votar a favor de medidas necessárias, além de serem completamente contrários a política de austeridade implantada pelos liberais. Com o editorial pondo em dúvida o patriotismo dos conservadores, além de alertar a sabotagem deles consigo mesmo, já que quando assumirem o poder, já que a alternância de poderes é algo comum nos governos constitucionais, terão de lidar com os problemas que eles mesmo criaram.

Eles ainda criticam o senado imperial que estava atacando bastante o ministro da guerra do império, diminuindo o contingente de homens disponíveis ao exército. Lembrando que após a Guerra do Paraguai o exército ganhou extrema relevância em todo o império. Além disso, conseguimos observar uma aproximação dos liberais com os militares, que também estavam insatisfeitos com o tratamento dado a eles, após a Guerra do Paraguai. Essa articulação dará seus frutos em 1889, com o golpe militar com apoio dos republicanos no golpe que instaurou a república.

Por fim, vemos uma suplica do editorial aos parlamentares para mandarem ajuda as províncias do norte que está sofrendo graves secas. Nesse pedido já se observa o começo do discurso da indústria da seca, que será muito forte na república velha. Entretanto, já podemos ver nessa época um apelo quase sentimental aos parlamentares, com o editorial falando dos nossos irmãos que

passam fome. Sendo essa prática quase o único meio de conseguir recurso do império para as províncias do norte, já que tínhamos um total controle das elites cafeeiras do Sul, que ignoravam o norte, só prestando atenção no Norte na época da seca.

Figura 4 – José Peregrino d'Araujo suplicando recursos para ajudar a combater a seca



Fonte: O liberal Parahybano, 24 maio de 1879, P. 1

Mas a seca que já durava três anos estava levando a província da Parahyba ao estado de calamidade pública. Sendo comum em todas as edições do jornal as notícias dos mantimentos para que as pessoas não morressem de fome. Nessa mesma edição de 24 de maio temos na freguesia de Natuba o pedido urgente de roupas para os miseráveis, que não tinham nem mais as roupas do corpo para lhes proteger, tal o nível de miséria dessa população.

Figura 5 – Pedido urgente de roupas, pela freguesia de Natuba. Autor não identificado.

25.

Recomendou-se á thesouraria de fazenda a expedição das necessarias providencias no sentido de serem entregues a commissão de soccorros da freguezia de Natuba, 5 peças de algodãozinho branco, 5 ditas de oxford, 5 ditas de chita 5 ditas de madapolão, afim de serem distribuidas com os indigentes que alli se achão em estado de nudez.

— Approvou-se a arrematação feita pela thesouraria de fazenda com o cidadão Pergentino Augusto Tavares Franco, de cem pares de soletas pelo preço de 1280 reis cada um, precisos aos doentes da enfermaria de S. Antonio.

— Recommendou-se á mesma repartição, que providenciasse afim de serem recolhidos na repartição de soccorros publicos, 50 peças de oxford, 20 de madapolão, 20 de algodão lizo e 20 ditas de chita.

— Appelio-se orlem ao inspector provincial para fazer parte fiscal desta provincia e nomear para o cargo de fiscal da mesma, Joaquim Manoel de Almeida, e para o cargo de secretario, João de Deus, e para o cargo de auxiliares, João de Deus e João de Deus.

Fonte: O liberal Parahybano, 24 maio de 1879, p. 2

Ainda temos a notícia que na freguesia de Santa Rita quatro indivíduos invadiram a casa do alferes José Luiz, lhe exigindo dinheiro; e como não conseguiram esfaquearam o alferes, que não morreu, mas os criminosos conseguiram fugir. Isso mostra que existia uma criminalidade na província, nesse período. Esse fato é bem importante na política local, já que o conservador Joaquim Monteiro Diniz acusava Ulysses Viana de ter relaxado em sua gestão no combate ao cangaço. Acusações que eram paulatinamente rebatidas pelos editores do Liberal Parahybano.

Figura 6 – Esfaqueamento do Alferes José Luiz. Autor não identificado

Facadas.— Em a noite do dia 20 do corrente, no lugar Mumbaba do termo desta cidade, freguezia de Santa Rita, quatro individuos penetrarão em a casa do alferes José Luiz e a titulo de comprar cigarros, apoderarão-se a viva força do mesmo alferes exigindo-lhe o dinheiro que tivesse; e não podendo conseguir que elle lhe o entregasse, apertarão-lhe o pescosso, e fizeram-lhe diversos ferimentos com uma facca, que felizmente forão leves; tendo accedido alguns visinhos aos gritos d'uma mulher que com o mesmo alferes mora, evadirão-se os ladrões levando uns 20\$ rs. que encontrarão em lugares menos reservados.

A policia procedeu a diversas diligencias, e acredita-se ter já descuberto um dos seus autores.

Fonte: O liberal Parahybano, 24 maio de 1879, p. 2

Um fato interessante ocorreu na edição 22, no mês de junho, em que temos no Jornal da Parahyba a denúncia de que um comissário do governo estava escondendo em sua casa mantimentos roubados destinados ao socorro da seca. O artigo do jornal começa defendendo a honra ilibada do comissário e atacando a carta, sendo desfecho dessa história a polícia vasculhando a casa desse comissário e não encontrando nada. No final do artigo temos a frase “Seremos moderados, porém severos, si (sic) nos obrigarem a continuar na defesa (sic) de nossa honra, vilmente ultrajada” (R, 1879, p. 3) que mostra bastante a postura do partido liberal da época, moderados, mas com fortes ataques quando são ameaçados.

Figura 7 – O Partido Liberal da Parahyba em carta defende comissário do governo

| | |
|---|--|
| <p>achão-se em concurso, à contar d'esta data á sessenta dias, os officios de tabellião de notas, escriptão do civil e crime, creados pela lei provincial n. 669 de 6 de março do corrente anno. Pelo que convido os pretendentes dos referidos officios para se habilitarem no seu provimento dentro do referido prazo, de conformidade com o Decreto n. 817 de 30 de agosto de 1851. E para inteiro conhecimento de todos os interessados, mandei passar o presente, que será afixado nos logares mais publicos d'esta cidade e reproduzidos pela imprensa da capital d'esta provincia.—Dado e passado n'esta cidade de Maimanguape, aos 21 de maio de 1879. E eu Ignacio Ferreira Serrano Sobrinho, escriptão o escrevi.</p> <p>Secretaria da Psesidencia da Parahyba, am 18 de Junho de 1879.</p> <p>Servindo de Secretario <i>João Bezerra Cavalcante d'Albuquerque.</i></p> <hr/> <p style="text-align: center;">O LIBERAL PARAHYBANO.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">PARAHYBA 28 DE JUNHO DE 1879.</p> <p>O partido liberal da provincia, compacto e unido, como nos seus melhores dias, está convencido de que o actual administrador d'esta provincia, o Exm. Sr. Dr. José Rodrigues Pereira, por seus principios, illustração e energia, dará o mais salutar impulso aos diversos ramos dos negocios publicos, e portanto lhe presta o mais franco, decidido e leal apoio.</p> | <p>sabiamanto dirige os destinos do paiz ha enviado para as provincias delegados, dignos de se. A força moral que elle tem, o enorme prestigio que possui sam outros tantos elementos de grandeza, transmittidos á seus delegados.</p> <p>E quando esse gabinete patriótico, cuja vida é tam cara aos corações liberaes tem entre os seus auxiliares um delegado tam illustre, como o Exm. Sr. Dr. Rodrigues, não pode deixar de orgulhar-se pela certeza de que o seu pensamento será fielmente comprehendido e executado.</p> <p>O grande e generoso partido liberal da provincia acompanha n'esse justo e legitimo orgulho os illustres depositarios da confiança nacional e da confiança da Corôa.</p> <p>E nós outros, os cultôres da imprensa, cumpramos o nosso dever, animando e applaudindo o illustre Sr. Dr. José Rodrigues Pereira.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">NOTICIARIO.</p> <hr/> <p>Chegada.—No ultimo vapor do norte, que tocou em nosso porto, veio tomar posse do lugar para que fora nomeado o nosso distincto amigo e comprovinciano o Sr. capitão Vicente do Rego Toscano de Brito, e sua Exma. familia. Felicitamos aos recémchegados.</p> |
|---|--|

Fonte: O liberal Parahyano, 28 de junho de 1879, p. 2

E nesta mesma edição temos a um trecho destinados só para os avisos de escravos fugitivos, o que é bem antagônico, já que o partido liberal e seu jornal já mostraram uma postura de defender o fim da escravidão. Esse ocorrido só mostra o posicionamento dos chamados moderados de qualquer vertente política, que no fim só defendem seus interesses e se necessário vão contra a sua filosofia para lucrar ou aumentar seu poder.

Figura 8 – Anuncio de escravos fugidos de Mello & Cª

ESCRAVOS FUGIDOS

400\$000 rs.

A quem capturar os escravos abaixo notado, e trouxerem a esta capital, á casa commercial de Mello & Cmp^a.

Elias, preto, alto, grossura regular, rosto redondo, 24 annos, pouca barba, cabellos carapinhos, olhos castanhos, pés bem fortes e grandes; quando falla, tem o ar zisonho, bastante esperto, foi vendido a pouco pelo Sr. Delfonso Ayres de Albuquerque Cavalcante, e seu mano Silvino Ayres de Albuquerque Cavalcante, moradores em Patos, á José Pordeus Rodrigues Seixas, morador em Campina-Grande.

Paulo, preto, bastante escuro, 25 annos, um pouco grosso, altura regular, olhos castanhos, rosto comprido, cabellos carapinhos, barba nenhuma, pés bastantes grandes, e chatos, foi escravo de Ignacio Dantas Correia de Geis, morador no Teixeira; este escravo trabalhava no Engenho Tibiry, da varzea desta capital, em maio e junho do corrente anno, e

Antonio, mulato, 30 annos, alto, usa pequeno bigode, e cavanhaque ruivo, corpo regular, foi escravo de Joacinto da Silveira Borges, morador em curraes novos Villa do Acary, Provincia do Rio Grande do Norte, e hoje pertencente a João Jeronimo de Souza, e João Evangelista de Souza, este do Cuié de Guarabira, e aquelle de curraes novos.

Outrosim; a gratificação de Rs. 400\$000, só é referida aos escravos de nomes Elias e Paulo.

Parahyba 19 de Junho de 1879.
Mello & C.^a

Fonte: O liberal Parahybano, 19 de junho de 1879, p. 4

Considerações finais:

Esses exemplos mostram que a Parahyba fez parte da discussão que estava acontecendo no Rio de Janeiro no com a subida dos liberais no poder, inclusive com um presidente representando esse partido. Além de confirmar as definições dos “novos liberais” propostos por Alonso com as matérias do próprio jornal do partido, O Liberal Parahybano. Sendo essas características a postura conservadora, conciliadora e em defesa da monarquia, além de serem contra escravidão e a concentração dos cargos públicos para os filhos dos cafeicultores do sul do império.

REFERÊNCIAS

Alonso, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e terra, 2002.

CARVALHO, José Murilo de, 1939. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial/ José Murilo de Carvalho*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COSTA, Emília Viotti da. (1998). *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 7ª edição. São Paulo: Editora da UNESP.

GALVÃO, Felipe Benicio da Fonseca. Relatório com que com que O EXM. 2º Vice-presidente Padre Fellipe Benicio da Fonseca Galvão passou a administração d'esta província AO EXM. SR. DOUTOR José Rodrigues Pereira Junior em 12 de junho de 1879. 1879. Disponível em: encurtador.com.br/svCFU . Acesso em: 14/06/2019.

Martins, R. C., & Salomão, I. C. (2018). DE IDEIAS E LUGARES: UMA HISTÓRIA DO LIBERALISMO ECONÔMICO NO BRASIL OITOCENTISTA. *Revista De Estudos Sociais*, 20(40), 60-77. <https://doi.org/10.19093/res6282>

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo Saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

MELLO, José Octávio de Arruda. *História da Paraíba*. 13. ed. João Pessoa: A União, 2014.

O Liberal Parahybano. 1879. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=704989&PagFis=0>. Acesso em: 14/06/2019.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy, et al. *Estrutura de poder na Paraíba*. João Pessoa: ed. Universitária UFPB, 1999.